

Eduardo Rivail Ribeiro

(Museu Antropológico/UFG - PG/Univ. de Chicago)

Prefixos relacionais em Jê e Karajá: um estudo histórico-comparativo¹

RESUMO

Este trabalho compara os chamados 'prefixos relacionais' em diferentes línguas do tronco Macro-Jê, dando ênfase especial às famílias Jê e Karajá. Prefixos relacionais, que marcam a contigüidade ou não-contigüidade do núcleo de um sintagma com relação a seu determinante, ocorrem em pelo menos cinco das doze famílias do tronco Macro-Jê: Jê, Boróro, Ofayé, Karirí (Rodrigues 1994) e Karajá (Ribeiro 1996). Tal mecanismo ocorre também em línguas Tupí e Karib (Rodrigues 1994), o que pode sugerir que sua presença em diversas famílias do tronco Macro-Jê seja antes um fenômeno areal do que evidência de origem genética comum. A comparação preliminar entre Karajá e Jê que apresentamos aqui, no entanto, sugere que prefixos relacionais podem ser reconstruídos para a língua ancestral comum às duas famílias, corroborando, assim, a hipótese acerca da unidade genética de pelo menos parte do tronco.

PALAVRAS-CHAVE: Relacionais; Karajá; Macro-Jê; Tupí; Karib.

RESUMEN

Ese trabajo compara los llamados "prefijos relacionales" en diferentes lenguas del tronco Macro-Jê, con énfasis especial en las familias Jê y Karajá. Prefijos relacionales, que indican la contigüidad o no-contigüedad del núcleo de un sintagma con relación a su determinante, ocurren en, por lo menos, cinco de las doce familias del tronco Macro-Jê: Jê, Boróro, Ofayé, Karirí (Rodríguez 1994) y Karajá (Ribeiro 1996). Tal mecanismo ocurre también en lenguas Tupí y Karib (Rodríguez 1994), lo que puede sugerir que su presencia en diversas familias del tronco Macro-Jê sea, antes, un fenómeno areal en vez de evidencia de origen genético común. Sin embargo, la comparación preliminar del Karajá y Jê, que presentamos aquí, sugiere que los prefijos relacionales pueden ser reconstruidos para la lengua ancestral común a las dos familias, corroborando, de esa manera, la hipótesis acerca de la unidad genética de, por lo menos, parte del tronco.

Palabras llave: Relaciones; Karajá; Macro-Jê; Tupí; Karib.

¹ Este trabalho é versão abreviada de artigo apresentado anteriormente no Workshop on Structure and Constituency of the Languages of the Americas (WSCLA 7th), em Alberta, Canadá, em março 2002 (Ribeiro 2002). Eu gostaria de agradecer a Mônica Veloso Borges (Universidade Federal de Goiás) e Aryon Rodrigues (Universidade de Brasília), por se disporem gentilmente a apresentar o presente trabalho em meu lugar, bem como a Christiane Oliveira (Universidade do Oregon) e a Marflia Ferreira (Unicamp), por compartilharem comigo seus conhecimentos de Apinajé e Parkatêjê, respectivamente, e ao CNPq, a Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research e a Universidade de Chicago, por seu apoio financeiro aos meus estudos. Devido a considerações de tempo, a presente análise se limita a dados das famílias Karajá e Jê. Contudo, uma comparação preliminar com dados de outras famílias, tais como Karirí e Boróro, corrobora a análise aqui apresentada. Contato do autor: erribeir@midway.uchicago.edu.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho compara os chamados ‘prefixos relacionais’ em diferentes línguas do tronco Macro-Jê, dando ênfase especial às famílias Jê e Karajá. Prefixos relacionais, que marcam a contigüidade ou não-contigüidade do núcleo de um sintagma com relação a seu determinante, ocorrem em pelo menos cinco das doze famílias do tronco Macro-Jê: Jê, Boróro, Ofayé, Karirí (Rodrigues 1994) e Karajá (Ribeiro 1996). Tal mecanismo ocorre também em línguas Tupí e Karíb (Rodrigues 1994), o que pode sugerir que sua presença em diversas famílias do tronco Macro-Jê seja antes um fenômeno areal do que evidência de origem genética comum. A comparação preliminar entre Karajá e Jê que apresentamos aqui, no entanto, sugere que prefixos relacionais podem ser reconstruídos para a língua ancestral comum às duas famílias, corroborando, assim, a hipótese acerca da unidade genética de pelo menos parte do tronco. Esta comparação é reforçada por vários novos prováveis cognatos entre as duas famílias, em acréscimo àqueles apontados por Davis (1968).

2. PREFIXOS RELACIONAIS EM DAVIS (1966)

Comparando itens lexicais do Apinajé, Canela, Suyá (Jê do Norte), Xavánte (Jê Central) e Kaingáng (Jê do Sul), Davis (1966) reconstrói um inventário fonológico e um vocabulário Proto-Jê (parcialmente reproduzido no Quadro 1, à pg. seguinte). Muitos dos itens reconstruídos por Davis incluem o prefixo relacional ou o marcador de terceira pessoa, o que leva a muitas correspondências errôneas.

Análises tradicionais das línguas Jê (bem como de outras línguas Macro-Jê, como o Karajá) geralmente tratam prefixos relacionais como partes da raiz. Conseqüentemente, as operações morfológicas envolvendo prefixos relacionais foram tratadas por Davis como uma questão de variação fonológica.

Davis menciona algumas “alternâncias morfofonêmicas” envolvendo os reflexos do fonema Proto-Jê *z, especialmente em Apinajé. Nesta língua, Davis explica que *z “é refletido como ? em posição inicial (...), mas apresenta uma alternância morfofonêmica com j (...) ou ɲ (...).” Davis menciona alternância semelhantes em Canela e Suyá.²

² Davis não menciona qualquer alternância envolvendo o último exemplo, *zi ‘semente’. Não por acaso, o provável cognato desta raiz em Karajá, ði, também não recebe prefixos relacionais. Neste caso, a consoante inicial é de fato parte da raiz. O caráter regular da correspondência entre Karajá ði e Proto-Jê *zi ‘semente’ é corroborado ainda por um fato interessante: em Karajá, há uma raiz verbal homófona com a raiz para ‘semente’: ði ‘tecer’. Prováveis cognatos desta raiz em línguas da família Jê, tais como Kaingáng (phi) e Apinajé (ʔi), são também homófonos com a raiz para ‘semente’ nestas línguas. É, assim, provavelmente possível reconstruir uma raiz Proto-Macro-Jê (ou Proto-Jê/Karajá) para ‘tecer’ (uma evidência interessante acerca da cultura Proto-Jê). [Um provável cognato desta raiz ocorre também em Yatê: sí ‘tecer’ (Lapenda 1968: 88).].

Quadro 1. Lista comparativa Proto-Jê/Jê (apud Davis 1966: 20-23)

	Proto-Jê	Apinajé	Canela	Suyá	Xavante	Kaingáng
1. <i>dente</i>	cwa	wa, -cwa	(ii)cwa	(ii)twa	?wa	ǰã
2. <i>fogo</i>	ku-zy	kuwy	kuhy	k ^h usy	?upi	
3. <i>carne</i>	ǰĩ	?ĩ, -ǰĩ	hĩ	-ǰĩ	ǰĩ	ǰĩ
4. <i>mão</i>	ǰĩkra	?ĩkra, -ǰĩkra	hũ?k ^h ra	nĩkrə	ǰĩp?raa(na), çĩp?raa(na)	kra ‘mão de pilão’
5. <i>nariz</i>	ǰĩ-na-kre	?ĩakre, -ǰĩakre	-ǰĩjak ^h re	(wa)ǰĩnakre	ǰĩci?re, cici?re	nĩjẽ
6. <i>comida</i>	ǰõ	õ, ǰõ			ǰõ	yẽ(n) ‘comer’
7. <i>lingua</i>	ǰõ-tə	õ?tə, -ǰõ?tə	-jõ?tə	(wa)ǰõtə	cõtə	nunẽ
8. <i>asa, pena</i>	za-ra	?ara, -jara	haaraa	saara	-jẽere ‘hair’	φẽrẽ
9. <i>raiz</i>	za-re	?are, -jare	haare	saare	ǰaphə	ǰãre
10. <i>boca</i>	zaz-kwa	?akwa, -jakwa	-jark ^h	-jajkwə	hi	ǰẽky
11. <i>osso</i>	zi	?i, -ji	-hi	-si	ǰĩci	
12. <i>nome</i>	zici	?ici, -pici		siini	ǰə	ǰiji
13. <i>semente</i>	zĩ	?ĩ	(i)hĩ			φĩ

Todos os casos de alternância mencionados por Davis envolvem raízes verbais ou nomes de partes do corpo, exatamente o tipo de raízes que recebem prefixos relacionais. Assim, muitas das raízes Proto-Jê reconstruídas por Davis incluem o prefixo relacional (caso de ‘dente’ e ‘mão’) ou o marcador de terceira pessoa (caso de ‘asa’, ‘raiz’ e ‘boca’). Isto é claramente o caso de **cwa* ‘dente’, por exemplo, em que a primeira consoante corresponde ao prefixo relacional, como ilustrado pelos exemplos do Parkatêjê em (1) abaixo, e **zazkwa* ‘boca’, onde a primeira consoante corresponde ao prefixo de 3a. pessoa, como ilustrado pelos exemplos do Panará em (2):

Parkatêjê (Marília Ferreira, comunicação pessoal)

- (1) a. piare tʃ-wa b. Ø-wa
 Piare REL-dente 3-dente
 dente do Piare *seu dente*

Panará (Rodrigues 1994: 9)

- (2) a. sɔti j-akoa b. s-õtɔ s-akoa amã
 animal REL-boca 3-língua 3-língua em
 a boca do animal *sua língua está na sua boca*

3. PREFIXOS RELACIONAIS NAS LÍNGUAS JÊ

Sincronicamente, línguas de todos os ramos da família Jê apresentam prefixos relacionais. Este mecanismo é bastante produtivo em línguas do ramo Jê Setentrional, tais como Timbira (3) e Parakatêjê (4-6). Prefixos relacionais são também comuns nas línguas do ramo Jê Central, como o Xavante (7):

Timbira (Rodrigues 1994: 8-9)

- (3) a. pyen ts-om b. h-om
 areia REL-grão 3-grão
 grãos de areia *castanha*

Parkatêjê (Ferreira, comunicação pessoal)

- (4) a. kra y-ahi b. h-ahi
 paca REL-rosto 3-rosto
 a cara da paca *seus rosto*
- (5) a. i-dʒ-ĩn b. h-ĩn
 1-CNT-fezes 3-fezes
 minhas fezes *fezes*

- (6) a. piare dʒ-õ heti b. h-õ heti
 Piare REL-coisa aranha NCNT-coisa aranha
aranha do Piare *sua aranha*

Xavánte (McLeod & Mitchell 1977: 74)

- (7) a. ãi-ba dz-ε di b. ts-ε di
 1-costas REL-dor ESTATIVO 3-dor ESTATIVO
Minhas costas doem *Dói*

Prefixos relacionais parecem, no entanto, ser muito menos produtivos em Jê Meridional. De acordo com Rodrigues (1999a: 181), em Kaingáng prefixos relacionais são “apenas uma relíquia de um sistema em vias de desaparecimento, restrito a muitas poucas palavras ‘irregulares’”. Nesta língua, algumas raízes verbais e nominais (dezesesseis, segundo Rodrigues 2000) têm dois alomorfes, um ocorrendo quando a raiz é precedida pelo seu determinante (8a), e o outro nos demais ambientes (8b):

Kaingáng (Rodrigues 1999a: 181; também Rodrigues 2000)

- (8) a. ʔiŋ j-õŋ j-apõ b. ʔẽpõ tã
 1sg REL-pai REL-roça roça em
a roça do meu pai *na roça*

Entre as raízes nominais, todas se referem a elementos que não são tão obrigatoriamente possuídos como o são termos referentes a partes do corpo, por exemplo (Nichols 1998: 572). Exemplos: *ẽŋphi ~ jaŋphi* ‘anzol’, *ẽpri ~ jãpri* ‘estrada’, *ẽmã ~ jamã* ‘morada’ e *ẽŋoro ~ jaŋoro* ‘legumes’. Exemplos como estes constituem um paradigma marginal (raízes que recebem prefixos relacionais quando precedidas pelo determinante, mas que podem ocorrer sem prefixo algum na forma de citação). Exemplos semelhantes também ocorrem em Tupinambá (*oka* ‘casa’, etc.), Karajá (*awo* ‘canoa’, etc.) e Karirí (*era* ‘casa’, etc.), por exemplo.

Ainda que prefixos relacionais sejam atualmente mais raros em Kaingáng que em outras línguas Jê, os dados desta língua apresentados por Davis apresentam as mesmas alternâncias encontradas nas demais línguas com relação aos supostos reflexos do Proto-Jê *z (**za-ra* ‘asa, pena’ > *phẽrẽ*; **za-re* ‘root’ > *jãre*; Davis 1966: 23). Por analogia com outras línguas da família, tais alternâncias sugerem que *ph-* em algumas palavras do Kaingáng seja etimologicamente um marcador de 3a. pessoa (ou, na análise de Rodrigues, um marcador de não-contigüidade), enquanto *j-* seria etimologicamente um prefixo relacional.

De fato, uma comparação com prováveis cognatos em outras línguas confirma a hipótese de que prefixos relacionais (bem como o marcador de 3a. pessoa) foram reanalisados diacronicamente como partes da raiz em Kaingáng: *pho* ‘pus’ (Parkatêjê *h-ur* ‘pus dele’, *mpo tf-ur* ‘o pus da ferida’), *jã* ‘queixo’ (Apinajê *ãm* ‘queixo’, *sit n-ãm* ‘o queixo de Sit’), *jaŋphẽ* ‘ninho’ (Xerente *sika z-asi* ‘ninho de galinha’, *s-asi* ‘fazer ninho’).

Por outro lado, em Xoklém, uma língua estreitamente aparentada ao Kaingáng, a existência de prefixos relacionais *sincronicamente* é bastante evidente (Henry 1935: 209; 1948: 202). De acordo com Henry (1935: 209), “verbos começados por *ð* mudam o *ð* em *y* [j] ou *ɲ* quando precedidos por um objeto direto”. Posposições, tais como *ðo* ‘para’, *ðæ* ‘por, através’ e *ði* ‘por, através’, bem como ‘modificadores’, tais como *ðəŋgla* ‘liso, bonito, bom’, também apresentam comportamento semelhante. Note-se que a consoante *ð* do Xoklém corresponde sistematicamente ao *ϕ* do Kaingáng (sendo ambas reflexos do fonema Proto-Jê *z).³

Xoklém (Wiesemann 1978: 209)

- | | | | | |
|------|----|---|----|--|
| (9) | a. | <i>ð-i</i>
3-pôr (em pé)
<i>pôr em pé</i> | b. | <i>ti j-i</i>
ele REL-pôr (em pé)
<i>pô-lo em pé</i> |
| (10) | a. | <i>ð-ãmãŋ</i>
3-escutar
<i>escutar</i> | b. | <i>ti vë ɲ-ãmãŋ</i>
ele palavra REL-escutar
<i>escutar sua palavra</i> |
| (15) | a. | <i>ð-o</i>
3-para
<i>para</i> | b. | <i>ti j-o⁴</i>
ele REL-para
<i>para ele</i> |

Em Kaingáng, por outro lado, os cognatos destas raízes são invariáveis, ocorrendo com prefixos relacionais ou marcadores de terceira pessoa fossilizados (*jëmëŋ* ‘escutar’, *tí vī jëmëŋ* ‘escutar sua palavra’; *ϕi* ‘pôr em pé’, *tí ϕi* ‘pô-lo em pé’; Wiesemann, *op. cit.*).

³ Wiesemann (1978), levando em consideração dados de outras línguas Macro-Jê (incluindo o Karajá), reconstrói esta consoante como *ð para o Proto-Kaingáng (ou melhor, Proto-Jê do Sul). No entanto, Aryon Rodrigues (comunicação pessoal) sugere que o Kaingáng é que seria mais conservador neste sentido, uma vez que reflexos desta consoante corresponderiam a uma consoante bilabial, *p*, em Tupí-Guaraní (Proto-Tupí-Guaraní **pew* ‘pus’, Kaingáng *ϕo*, etc; Rodrigues 2000a: 102). A análise apresentada aqui, obviamente, corrobora a análise de Wiesemann — que é também corroborada por dados de outras línguas Macro-Jê em que o prefixo de terceira pessoa consiste em uma consoante alveolar (*s-* em Karirí, por exemplo, etc.). Apesar de não apoiar as correspondências lexicais entre Kaingáng e Tupí-Guaraní apontadas por Rodrigues (2000a), a presente análise corrobora, em última instância, a hipótese de origem genética comum entre Tupí e Macro-Jê, uma vez que o marcador de 3ª pessoa (ou não-contigüidade) nas línguas Tupí é, também, uma consoante alveolar.

⁴ Esta posposição é provavelmente cognata com a posposição Xavante *tso/dzo* (Hall, McLeod & Mitchell 1987: 184), Xerente *so/zo* ‘para’ (Krieger & Krieger 1994: 57).

Quadro 2. Prefixos relacionais em algumas língua Jê

	3a. pessoa (ou marcador de não-contigüidd)	prefixo relacional (ou marcador de contigüidade)	prefixo relacional (antes de /u/)
Proto-Jê (Davis 1966 revised)	*z-	*j-, ɲ-	*c-
Panará (Rodrigues 1994, Dourado 1990)	s-	j-	
Parkatêjê (Ferreira, c. p.)	h-	j-, dʒ-	tʃ-
Timbira (Rodrigues 1994:8)	h-	ts-, j-	
Apinajé (Davis 1966)	ʔ-, Ø-	j-, ɲ-	
Xavante	ts-	dz-, ɲ-	
(Pré-)Kaingáng (Davis 1966, Cavalcante 1987, Wiesemann 1978)	φ-	j-	tʃ-
Xoklég (Henry 1935, 1948)	ð-	j-	

Assim, em todas as línguas Jê, a consoante do prefixo de 3a. pessoa (ou, na análise de Rodrigues, do marcador de não-contigüidade) é um reflexo do Proto-Jê *z. Tais correspondências são corroboradas por outras áreas do léxico: *zì ‘semente’ > Kaingáng *phi*, Xoklég *ði*, Timbira *hi*, etc. A ocorrência de prefixos relacionais em algumas línguas Jê é obscurecida em alguns casos, seja por razões morfológicas (reanálise como parte da raiz, como em Jê Meridional, desencadeada provavelmente pela adoção de uma paradigma inovador de marcadores de pessoa) ou fonológicas (como em muitas línguas Jê Setentrionais, especialmente do complexo dialetal Kayapó, onde o reflexo do Proto-Jê varia de uma oclusiva glotal a zero). O prefixo relacional (ou marcador de contigüidade) é um reflexo do Proto-Jê *ɲ (ou, mais acuradamente, *j).

4. KARAJÁ

Davis (1968) aponta uma série de prováveis cognatos entre o seu Proto Jê (Davis 1966) e o Karajá e o Maxakalí. Algumas das correspondências fonológicas entre Karajá e Jê detectadas por Davis (1968) são listadas no Quadro 3 abaixo:

Quadro 3. Correspondências Proto-Jê/Karajá (Davis 1968: 43)

	Proto-Jê		Karajá	
1.	<i>cwa</i>	‘dente’	<i>dʒ-u</i>	‘dente’
2.	<i>ku-krit</i>	‘anta’	<i>kõri</i>	‘anta’
3.	<i>ku-zi</i>	‘fogo’	<i>(he)kɔdĩ⁵</i>	‘fogo’
4.	<i>nɔ</i>	‘olho’	<i>ru(ɛ)</i>	‘olho’
5.	<i>ji</i>	‘carne’	<i>dɛ</i>	‘carne’
6.	<i>ji-ĩnakre</i>	‘nariz’	<i>d-ɛãθã</i>	‘nariz’
7.	<i>ji-õtɔ</i>	‘língua’	<i>d-ɔrɔ(dɔ)</i>	‘língua’
8.	<i>ji</i>	‘sentar-se’	<i>dã[nã]</i>	‘sentar-se’
9.	<i>zi</i>	‘osso’	<i>dĩ</i>	‘osso’
10.	<i>zi</i>	‘semente’	<i>dĩ</i>	‘semente’

Como nas línguas Jê discutidas acima, a maioria das raízes nominais e verbais em Karajá podem ser divididas em duas classes lexicais principais, arbitrariamente denominadas *classe I* e *classe II* (Ribeiro 1996). No que se refere a raízes nominais, a principal diferença entre ambas as classes está nas séries de morfemas possessivos com as quais elas ocorrem:

- | | | | |
|---------|---|---------|--|
| (11) a. | habu ra
homem sobrinho
<i>o sobrinho do homem</i> | (12) a. | habu d-ɛra
homem REL-antebraço
<i>o antebraço do homem</i> |
| b. | wa-ra
1-sobrinho
<i>meu sobrinho</i> | b. | wa-d-ɛra
1-REL-antebraço
<i>meu antebraço</i> |
| c. | a-ra
2-sobrinho
<i>teu sobrinho</i> | c. | Ø-ɛra
2-antebraço
<i>teu antebraço</i> |
| d. | i-ra
3-sobrinho
<i>seu sobrinho</i> | d. | d-ɛra
3/REL-antebraço
<i>seu antebraço/seu próprio antebraço</i> |
| e. | d-a-ra
3COR-sobrinho
<i>seu próprio sobrinho</i> | | |

⁵ A palavra Karajá para ‘fogo’, apesar de não ser segmentável sincronicamente, provavelmente incluía, diacronicamente, a raiz *he* ‘lenha’. Em um outro trabalho (Ribeiro 2002a), eu sugiro que a raiz Proto-Jê para ‘fogo’ seria simplesmente *si, levando em consideração dados do Panará, do Karirí e do Rikbaktsá; a forma Proto-Jê reconstruída por Davis seria provavelmente um composto contendo *ku ‘madeira, tronco’ (Karajá *kɔ*, Xerente *ku*, etc.).

Como os exemplos acima demonstram, o prefixo relacional em Karajá é *d-* (ou, em alguns casos, *l-*), uma consoante que corresponde ao Proto-Jê **ɲ* (Quadro 3, 5-8), enquanto o marcador de 3a. pessoa é *d-*, que corresponde sistematicamente ao Proto-Jê **z* (Quadro 3, 9-10). Um exemplo adicional, que demonstra a correspondência Proto-Jê **z*:: Karajá *d* tanto no prefixo de terceira pessoa, quanto no interior da raiz, é dado abaixo:

Xerente (Krieger & Krieger, p. 88, 78)

- | | | | | |
|---------|-------------------------|------------------|----|--------------------|
| (13) a. | sika | <i>z-aṣi</i> | b. | <i>ṣ-aṣi</i> |
| | galinha | <i>REL-ninho</i> | | 3-ninho |
| | <i>ninho da galinha</i> | | | <i>fazer ninho</i> |

Apinajé (Christiane Oliveira + Cassiano Apinajé, c.p.)

- | | | | | |
|---------|-------------------------|------------------|----|------------------|
| (14) a. | krâyre | <i>j-aØe</i> | b. | <i>Ø-aØe</i> |
| | galinha | <i>REL-ninho</i> | | 3-ninho |
| | <i>ninho de galinha</i> | | | <i>seu ninho</i> |

(15) **Karajá**

- | | | | | |
|----|-------------------------|------------------|----|------------------|
| a. | hadike | <i>l-əḏə</i> | b. | <i>d-əḏə</i> |
| | galinha | <i>REL-ninho</i> | | 3-ninho |
| | <i>ninho da galinha</i> | | | <i>seu ninho</i> |

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O marcador de 3a. pessoa em Karajá, *d*, e seus equivalentes nas várias línguas Jê aqui analisadas (*s-* em Panará, *h-* em Parkatêjê, etc.) correspondem ao mesmo fonema Proto-Jê, **z*. Este prefixo ocorre com prováveis cognatos em ambas as famílias: Karajá *d-ɔ* ‘seu cacho’ e Panará *sõ* ‘cacho (classificador)’; Karajá *d-era* ‘seu antebraço’ e Apinajé *ɲ-ikra* ‘sua mão’, etc. O prefixo relacional *d-* (ou *l-*) em Karajá e seus equivalentes nas línguas Jê correspondem ao mesmo fonema Proto-Jê, **ɲ* (antes de vogais nasais; **j* nos demais ambiente). Este prefixo ocorre com formas que são muito provavelmente cognatos em ambas as famílias: Karajá *d-era* ‘antebraço’ e Apinajé *ɲ-ikra* ‘mão’, Karajá *d-eãθə* e Apinajé *ɲ-ĩɲakre* ‘nariz’, etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSWOOD, J. (1973). Evidências para a inclusão do Aripaktsá no filo Macro-Jê. In Bridgeman, L. (ed.), *Série Lingüística* 1, p. 67-78. Brasília: SIL.
- CAVALCANTE, Marita P. (1987). *Fonologia e morfologia do Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná*. Campinas: Unicamp. Tese de Doutorado.
- DAVIS, Irvine. (1966). Comparative Jê phonology. *Estudos Lingüísticos: Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, 1:2.10-24.
- _____. (1968). Some Macro-Jê relationships. *IJAL*, 34.42-7.
- DIXON, Robert & Aikhenvald, Alexandra (editors) (1999). *The Amazonia Languages*. Cambridge University Press.
- DOURADO, Luciana (1990). Classificadores de nomes em Panará. In Seki, Lucy (ed.), *Lingüística Indígena e Educação na América Latina*, 387-94. Campinas: Editora da Unicamp.
- EHRENREICH, Paul (1894). Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens, I: die Sprache der Caraya (Goyaz), *Zeitschrift für Ethnologie*, 26.20-37, 49-60.
- GUDSCHINSKY, Sarah C. (1971). Ofaié-Xavánte, a Jê language. In Gudschinsky, S. (ed.), *Estudos sobre Línguas e Culturas Indígenas*, 1-16. Brasília: SIL.
- HALL, Joan; McLEOD, Ruth and MITCHELL, Valerie. (1987). *Pequeno Dicionário Xavánte-Portugues/Portugues-Xavánte*. Brasília: SIL.
- HAM, P., WALLER, H. and KOOPMAN, L. (1979). *Aspectos da Língua Apinayé*. Brasília: SIL.
- HENRY, Jules. (1935). A Kaingáng text. *IJAL*, 8.172-218.
- _____. (1948). The Kaingáng language. *IJAL*, 14.194-204.
- KRIEGER, Wanda & Krieger, Guenther (1994). *Dicionário Escolar Xerente-Português, Português-Xerente*. Rio de Janeiro: Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira.
- LAPENDA, Geraldo (1968). *Estrutura da Língua Iatê, Falada pelos Índios Fulniôs de Pernambuco*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- MASON, J. A. (1950). The languages of South American Indians. In Steward, Julian H. (ed.), *Handbook of South American Indians*, Vol. VI, 157-317. Washington: Smithsonian Institution.
- McLEOD, R. and MITCHELL, V. (1977). *Aspectos da Língua Xavante*. Brasília: SIL.
- NICHOLS, Johanna (1988). On alienable and inalienable possession. In Shipley, William (editor), *In Honor of Mary Haas: Proceedings from the Haas Festival Conference on Native American Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- POPJES, J. & POPJES, J. (1986). Canela-Krahô. In Derbyshire, D. and Pullum, G. (eds.), *Handbook of Amazonian Languages*, vol. I, 128-99. Berlin: Mouton de Gruyter.
- RIBEIRO, Eduardo (2002). Relational prefixes and the 'Macro-Jê hypothesis.' Trabalho apresentado no Workshop on Structure and Constituency of the Languages of the Americas (WSCLA 7). Edmonton, Canada: University of Alberta.

- _____.(2002a). On the grammaticalization of an antipassive marker in Karajá and Karirí. Trabalho apresentado no Workshop on American Indigenous Languages (WAIL 2002). Santa Bárbara: Universidade da Califórnia.
- RODRIGUES, Aryon. (1962). Comparação das línguas Umutína e Boróro. In Schultz, Informações Etnográficas sobre os Umutina, *Revista do Museu Paulista*, n. s., 13.100-15.
- _____.(1985). Evidence for Tupi-Carib relationships. In Harriet Klein and Louisa Stark (eds.), *South American Indian Languages, Retrospect and Prospect*, 371-404. Austin: University of Texas Press.
- _____.(1994). Grammatical Affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê. Unpublished manuscript. Brasília: Universidade de Brasília.
- _____.(1999). Macro-Jê. In R.M. Dixon and Alexandra Aikhenvald (Eds.), *The Amazonian Languages*, 165-206. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____.(2000). Flexão relacional no tronco linguístico Macro-Jê. Trabalho apresentado no Encontro da ABRALIN/SBPC. Brasília, julho de 2000.
- _____.(2000a). 'Ge-Pano-Carib' versus 'Jê-Tupí-Karib': sobre relaciones lingüísticas prehistóricas en Sudamérica. In Miranda. Luis (editor), *Actas del I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica*, Tomo I, 95-104. Lima: Universidad Ricardo Palma.
- WIESEMANN, Ursula (1971a). *Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng*. Brasília: SIL.
- _____.(1971b). The pronoun systems of some Macro-Jê languages. In Wiesemann, Ursula (ed.), *Pronominal Systems*, 359-80. Tübingen: Gunther Narr Verlag.
- _____.(1978). Os dialetos da língua Kaingáng e o Xoklég. *Arquivos de Anatomia e Antropologia do Instituto de Antropologia Professor Souza Marques*, 3.199-217.